

O PROCESSO DE CRISTIANIZAÇÃO DOS ESCANDINAVOS NA *VITA ANSKARII* DE RIMBERT (C. 865-876)

Esforços missionários num tempo de incertezas e fragmentação política

PROCESS OF CHRISTIANIZATION OF THE SCANDINAVIANS IN RIMBERT'S *VITA ANSKARII* (C. 865-876)

Missionary efforts in a time of uncertainty and political fragmentation

RODRIGO KMIECIK PASSOS¹

RESUMO

Este artigo analisa o processo de cristianização da Escandinávia no século IX a partir da *Vita Anskarii*, hagiografia de Ansgar escrita por Rimbert. O estudo busca analisar e detalhar o que o hagiógrafo entendia por "cristianização". Para isso, a *Vorstellungsgeschichte* (Hans-Werner Goetz) foi empregada enquanto metodologia de análise, buscando compreender as conceituações e construções do autor sobre o passado e sobre seu próprio contexto. As análises revelaram que Rimbert percebia e significava a cristianização como processo contínuo que ia além do batismo, exigindo constância na prática cristã, pedagogia missionária e também autonomia dos convertidos. A análise ainda destaca que a oposição do cristianismo ao paganismo é construída em termos de uma alteridade religiosa e moral, fundamentada em juízos de valor e condicionadas pela narrativa hagiográfica. Por fim, as análises demonstram que a *Vita Anskarii* também reflete as incertezas de um período de instabilidade política, tanto no continente cristão quanto na Escandinávia, enfatizando os "êxitos parciais" das missões e a necessidade de continuidade.

Palavras-chave: Cristianização; Escandinávia medieval; *Vita Anskarii*; hagiografia, Rimbert.

ABSTRACT

This paper examines the process of Christianization in 9th-century Scandinavia through the *Vita Anskarii*, hagiography of Ansgar written by Rimbert. The study aims to analyze and detail the hagiographer's understanding of "Christianization". For this purpose, the methodology of *Vorstellungsgeschichte* (Hans-Werner Goetz) was employed to explore the author's conceptualizations and constructions of the past and his own context. The analysis reveals that Rimbert perceived and signified Christianization as a continuous process that extended

¹ Doutorando em História (UFPR). E-mail: kmiecikpassos@gmail.com

beyond baptism, requiring constancy in Christian practice, missionary pedagogy, and also autonomy of the converts. The study also highlights that the opposition between Christianity and paganism is constructed in terms of religious and moral otherness, grounded in value judgments and shaped by the hagiographic narrative. Finally, the analysis demonstrates that the *Vita Anskarii* also reflects the uncertainties of a period marked by political instability, both in the Christian continent and in Scandinavia, emphasizing the "partial successes" of the missions and the need for their continuity.

Keywords: Christianization; Medieval Scandinavia; Vita Anskarii; hagiography; Rimbert.

INTRODUÇÃO

O processo de mudança religiosa em direção ao cristianismo, ocorrido entre os séculos IX e XI, provocou profundas mudanças nas sociedades escandinavas. A despeito das particularidades do processo em diversas regiões e contextos políticos, é consenso acadêmico que a cristianização teve papel determinante na “integração dos territórios nórdicos à dinâmica histórica e cultural do continente europeu” (GRZYBOWSKI, 2016, p. 137). O objetivo deste artigo é analisar algumas dessas primeiras tentativas de integração a partir da percepção de Rimbert na *Vita Anskarii* (Vida de Ansgar). Rimbert e seu mestre, Ansgar, foram eclesiásticos envolvidos nas missões cristianizadoras na Escandinávia (especialmente nas atuais Dinamarca, Suécia e norte da Alemanha), missões estas ligadas à diocese de Hamburgo-Bremen durante o século IX. Rimbert sucedeu os esforços do bispo missionário Ansgar e compôs sua hagiografia, com a qual buscava exaltar a memória de Ansgar e constituir um modelo missionário a ser seguido por outros monges. A *Vita Anskarii*, como resultado desse esforço, foi composta por Rimbert nos anos seguintes à morte de Ansgar, que faleceu em 865. O manuscrito mais antigo que preserva essa hagiografia é o Codex Stuttgardiensis G. 32, do século X. A primeira publicação moderna da *Vita Anskarii* no idioma original foi editada por Georg Waitz em 1884, a partir desse manuscrito. Utilizo essa edição na presente análise.²

² As traduções da fonte e da bibliografia em língua estrangeira são todas minhas, salvo quando o texto foi citado em *apud*. O original latino da hagiografia, a partir da transcrição de Waitz, foi anexado como nota de rodapé nas citações diretas da *Vita Anskarii* ao longo do texto.

A partir da *Vita Anskarii*, busco analisar as percepções de Rimbert sobre o processo em que ele mesmo e Ansgar, além de outros missionários, reis e demais personagens históricos estavam envolvidos. A questão central desta investigação é: qual era a ideia de cristianização de Rimbert? Em outras palavras, o que Rimbert entendia por cristianização em seu contexto específico? Tal problemática se desdobra em outras questões, como a representação dos pagãos e do paganismo na narrativa, como Rimbert compreendia a própria agência missionária e a institucionalização da igreja em terras escandinavas e, por fim, como Rimbert compreendia os esforços, fracassos e êxitos de Ansgar, em particular, e da missão comandada por Hamburgo e Bremen, como um todo, em seu contexto sociopolítico. Para tentar responder essas questões, algumas considerações teórico-metodológicas se fazem necessárias.

Em primeiro lugar, entendo a *Vita Anskarii* como um documento produzido dentro de uma cultura de memória. Em sua leitura da obra de Jan Assmann, Lukas Grzybowski sublinhou que uma cultura de memória busca “estabelecer os critérios de identificação necessários para organizar o futuro, planejar e alimentar esperanças, e, portanto, baseia-se principalmente em ‘formas de referência ao passado’” (GRZYBOWSKI, 2023, p. 44). Para Pernille Hermann, de maneira complementar às ideias de Assmann, a cultura letrada medieval tinha como um dos principais objetivos preservar a memória. Mas essa preservação não era unilateral e tampouco seria capaz de encapsular o passado “em si”:

Os autores medievais recordam o passado de diversas formas, e seu registro das memórias envolvia uma dimensão dinâmica e criativa que não apenas salvava as memórias do esquecimento, mas também organizava as memórias de acordo com necessidades do presente. (HERMANN, p. 2009, p. 293).

Somadas as duas considerações, temos que a preservação do passado em registros textuais servia tanto ao presente imediato quanto ao futuro almejado. As escolhas de organização e as dimensões criativas do processo de registrar o passado, guiadas por necessidades do presente ou objetivos futuros dos autores e das instituições às quais pertenciam, fazem com que o passado registrado nos documentos nunca seja o passado como tal, mas uma percepção autoral e subjetiva. O passado narrado na *Vita Anskarii*, que conta sobre as

ações de Ansgar, embora muito próximo de seu próprio autor, Rimbert, é determinado pelo que Rimbert escolheu registrar; está delimitado pelas ênfases e pelas conceituações de seu autor, e são elas que ditam o tom do objeto final, do documento produzido, que serviu a funções específicas, e que ora chega aos cientistas de nosso tempo. Com a *Vorstellungsgeschichte*, Hans-Werner Goetz (2006) buscou adequar a investigação histórica às problemáticas expostas acima, partindo de uma abordagem que questiona diretamente os autores e suas visões de mundo por meio dos documentos compostos por eles, de modo que o autor não configura um obstáculo para o historiador (no sentido de sua fiabilidade), mas seu próprio objeto de estudo (em sua subjetividade):

A '*Vorstellungsgeschichte*' dirige-se [...] ao próprio compositor da fonte e pergunta por suas impressões, percepções e julgamentos sobre o passado, pela opinião e pelas atitudes de certo indivíduo afetado, ou seja, (ela pergunta) a um contemporâneo envolvido nos acontecimentos e estruturas a respeito de seu ambiente. [...] Ela não quer mais então penetrar até a realidade passada no sentido da História 'tradicional', mas investiga como essa realidade (objetiva) ocorre na visão subjetiva dos seus contemporâneos. (GOETZ *apud* GRZYBOWSKI, 2012, p. 156).

Assim, uma *Vorstellungsgeschichte* investiga a realidade objetiva criada pela subjetividade nas fontes, isto é, a visão dos autores a respeito da sua própria realidade ou, melhor, a realidade construída pelos autores. Com isso, “o nosso interesse se deslocou dos fatos para sua percepção (ou, como argumentei, para as concepções do autor), da ‘realidade’ para a sua ‘construção’, e das evidências dadas nas ‘fontes’ aos seus autores como testemunhas contemporâneas de seu tempo” (GOETZ, 2009, p. 20). O historiador contemporâneo direciona seus esforços para compreender as percepções dos autores do passado a respeito de seu tempo, sem precisar reduzir o documento a um mero registro factual, tampouco duvidar de sua credibilidade ou suposta fiabilidade. Ainda de acordo com Goetz (2009, p. 20), o sujeito histórico, quando autor, não escreve apenas os fatos — ainda que ele mesmo acreditasse que o fizesse —, mas uma construção pessoal de sua visão do processo histórico.

Além disso, para James Palmer (2018), a hagiografia também é uma rica fonte no que diz respeito às vidas comuns da Idade Média: os negócios de famílias, a vida dos leigos, dos camponeses, dos mercadores, dos bandidos, dos

doentes, das mulheres, das crianças, entre tantos outros. Palmer ainda argumenta que a hagiografia medieval “criou pontos comuns de referência, alimentados em debates sobre moralidade e identidade, e foi geralmente utilizada ativamente para encorajar a mudança, em vez de registrar ingenuamente o mundo medieval” (PALMER, 2018, p. 107). As considerações de Grzybowski, Goetz e Palmer são centrais para analisar e tentar compreender a *Vita Anskarii* em seu tempo e espaço históricos, levando em conta seu autor e suas percepções, suas visões de mundo, motivações, cargas políticas e institucionais, enfim, tudo que vinha junto e além de sua pena.

1. A IDEIA DE CRISTIANIZAÇÃO

Embora o batismo seja um sacramento essencial no medievo latino, não era o único fator a constituir o que Rimbert entendia por “conversão”. No capítulo 7 da hagiografia, Rimbert narra um importante episódio institucional presente no início da conversão política da Escandinávia: o pedido de ajuda de Harald Klak, um rei pagão dos daneses, ao então Imperador franco Luís, o Piedoso. Essa troca de favores é mediada pela conversão de Harald ao cristianismo:

Ele [Harald Klak] foi até o sereníssimo Imperador Luís, pedindo que pudesse ser merecedor de sua ajuda para recuperar seu reino. O Imperador, mantendo Harald consigo, exortou-o tanto por si quanto por outras pessoas a aceitar o cristianismo, com o objetivo de que houvesse entre eles uma maior proximidade, e assim, caso ambos adorassem o mesmo Deus, para que o povo cristão viesse em seu auxílio com maior prontidão e boa vontade. (RIMBERT, 1884, p. 26).³

Rimbert não detalha quais “ajudas” — financeiras, militares, econômicas, de posse de terras ou guerreiros — o Imperador Luís forneceu a Harald Klak. Toda a atenção é concentrada na conversão do rei pagão. Em um primeiro momento, parece que voltar para a Dinamarca sob o signo do batismo é

³ No original: “Qui serenissimum adiit imperatorem Hludowicum, postulans, ut eius auxilio uti mereretur, quo regnum suum denuo evindicare valeret. Qui eum secum detentum tam per se quam per alios ad suscipiendam christianitatem cohortatus, quod scilicet inter eos ita maior familiaritas esse posset, populusque christianus ipsi ac suis promptiori voluntate in adiutorium sic veniret, si uterque unum coleret Deum.”

suficiente para justificar a “ajuda” de Luís, o Piedoso, ao rei vizinho. Mas há uma insuficiência ressaltada pelo hagiógrafo: a falta de um homem que vá com Harald para a Dinamarca e espalhe a fé cristã por lá. Em outras palavras, Rimbart aponta para a necessidade de um trabalho missionário no exterior, entre a população pagã do reino de Harald. Depois do batismo, Rimbart acrescenta que o Imperador sugeriu que Harald levasse consigo um missionário para a sua terra: Luís começou a procurar “um homem de santa devoção que pudesse ir com ele [Harald], permanecer continuamente consigo, e ser para ele e para os seus um mestre da doutrina salutar, para fortalecer e aceitar a fé do Senhor” (RIMBERT, 1884, p. 26).⁴ O Imperador rapidamente questiona os presentes sobre alguém se voluntariar a seguir esse dever. Ninguém se mostra voluntário, mas um monge chamado Wala diz que conhecia um outro monge que “com grande fervor se dedicava à religião divina e muito desejava sofrer em nome de Deus” (RIMBERT, 1884, p. 27).⁵ Trata-se do personagem principal, Ansgar.

Um outro religioso chamado Autbert junta-se a Ansgar para a missão. Então Rimbart narra as instruções do Imperador Luís, o Piedoso, dadas aos dois monges: confirmar a fé de Harald e seus companheiros, que foram batizados com ele, “para que não fossem reconduzidos aos seus erros anteriores instigados pelo Diabo” (RIMBERT, 1884, p. 29).⁶ Ao mesmo tempo, Luís encoraja a pregação: “que [os monges] continuamente fortalecessem e lembrassem outros, vigorosamente, a aceitar a religião cristã por meio da pregação da palavra” (RIMBERT, 1884, p. 29).⁷ Pode-se perceber que, na verdade, para o hagiógrafo, o sacramento do batismo não era suficiente para que os pagãos deixassem de sê-lo, além do fato expresso de que Luís, o Piedoso, querer novos adeptos, nas terras de Harald, à fé cristã. Isso justifica a presença dos missionários em terras pagãs, pois, para Rimbart, a cristianização parece implicar uma constância, e, no documento, o interlocutor de tal ordem é o próprio Imperador carolíngio. Colocado de outro modo, compreende-se que

⁴ No original: “[...] sanctae devotionis virum, qui cum eo ire posset eique continuo adhaereret fieretque illi et suis ad corroborandam suscipiendamque fidem Domini^o magister doctrinae salutaris”.

⁵ No original: “qui multo ardore circa divinam religionem ferveret ac pro Dei nomine multa pati desideraret.”

⁶ No original: “ne ad pristinos reducerentur diabolo instigante errores.”

⁷ No original: “continue roborarent simulque etiam alios ad suscipiendam christianam religionem verbo praedicationis strenue commonerent.”

para Rimbert alguém não se tornava cristão da noite para o dia. A vivência cristã seria tão importante quanto o batismo. Para o hagiógrafo, esse sacramento é apenas o início de uma vida cristã, e não uma transformação instantânea. É também deduzível que o cuidado de Harald para com os homens “dados” a ele por Luís solidifica um compromisso de confiança política, ou seja, um estreitamento de laços político-militares assegurados pela conversão religiosa.

Adiante, no capítulo 8 da hagiografia, que narra a ida de Ansgar para a Dinamarca, temos a primeira ação cristianizadora do santo missionário. Aqui, nota-se uma escolha narrativa significativa para a ideia de cristianização de Rimbert: ele busca relatar a ação cristianizadora de Ansgar como um processo coletivo, em vez de condensá-la em um episódio específico e individual. Esse motivo narrativo reitera a necessidade de uma constância na vivência cristã:

Assim, os servos de Deus [os missionários], estando com Ansgar, e ora entre cristãos, ora entre pagãos, começaram a insistir na palavra de Deus e a exortar quem quer que pudessem ao caminho da verdade. Muitos [pagãos], também pelo exemplo e pelo ensinamento deles [dos missionários], convertiam-se à fé, e crescia diariamente o número dos que seriam salvos no Senhor. (RIMBERT, 1884, p. 30).⁸

Notemos que, ao falar sobre como os pagãos eram convertidos ao cristianismo, o hagiógrafo sequer menciona as palavras batismo, água ou sacramento. Rimbert escreve que os pagãos se convertiam pelo “exemplo” e pelo “ensinamento” (*doctrina*) dos missionários. Aqui, mais do que nunca, o caráter pedagógico da cristianização é ressaltado pelo autor da *Vita Anskarii*. Mais do que batizar os daneses, os missionários precisam ensiná-los a serem cristãos e dar exemplos de uma vivência cristã. Essa perspectiva de Rimbert só pode ser percebida quando paramos para questionar o documento e pensar: mas o que é, afinal, a tornar-se um cristão para Rimbert? Como atestado, é integrar, pelo aprendizado, um cristianismo duradouro e comunitário. Isso demonstra que o hagiógrafo tinha a noção de que integrar essas populações pagãs à cristandade ia muito além de um rito sacramental e de uma conversão

⁸ No original: “Praefati itaque servi Dei cum eo positi et aliquando inter christianos, aliquando inter paganos constituti, coeperunt verbo Dei insistere et quoslibet poterant ad viam veritatis monere. Multi etiam exemplo et doctrina eorum ad fidem convertebantur, et crescebant cotidie, qui salvi fierent in Domino.”

institucional ou política, uma vez que, se a conversão política de Harald fosse suficiente, Ansgar e seus companheiros não precisariam ir para terras pagãs converter outros habitantes, e muito menos para certificar que o rei Harald não retornasse aos seus “erros anteriores”, ou seja, ao paganismo.

Isso não quer dizer que medievalistas como Sverre Bagge (2014) e Chris Wickham (2016), por exemplo, estejam errados em afirmar que a cristianização da Escandinávia só se dá efetivamente após a conversão dos reis e a unificação política — até porque boa parte dos problemas que as missões carolíngias do século IX enfrentaram advêm justamente da fragmentação política do império e dos territórios não-cristãos, como veremos adiante. Mas é necessário questionar a perspectiva de uma nova religião irradiada ou generalizada pelos líderes políticos, de uma cristianização peremptória, ainda que, de fato, a conversão dos reis tenha facilitado — de maneira bastante gradual — a institucionalização de uma *ecclesia*, a vinda de novos missionários, a construção de igrejas, etc.

Por isso é frutífero ponderar, partindo da perspectiva metodológica aqui empregada, a respeito da percepção do hagiógrafo sobre o processo. Rimbart parece ter clara ciência da incompletude de uma conversão imediatista, no sentido do batismo exclusivo dos chefes políticos, e ressalta que a verdadeira expansão da cristandade dizia respeito à conversão de todas as almas. Outro importante fator levantado por Rimbart é a autonomia dos convertidos na disseminação da crença entre novos fiéis. Ainda no capítulo 8 da *vita*, lemos:

Eles [os novos convertidos], também inspirados pelo amor divino, começaram, com zelo, a procurar meninos para comprar e *educar* para o serviço de Deus, a fim de promover a religião de sua devoção. O já mencionado Harald também confiou alguns de seus próprios sob os cuidados deles [dos missionários] *para serem instruídos*. E assim aconteceu que, em pouco tempo, *estabeleceram ali uma escola* com doze ou mais meninos. (RIMBERT, 1884, p. 30, ênfases minhas).⁹

Essa noção também é essencial para entendermos que Rimbart não percebe a cristianização com uma prática estritamente institucional. Para o hagiógrafo, os cristãos leigos também podem espalhar a fé e ajudar os clérigos

⁹ No original: “Ipsi quoque divino inspirati amore, ad promulgandam devotionis suae religionem coeperunt curiose pueros quaerere, quos emerent et ad Dei servitium educarent. Praefatus quoque Herioldus ex suis aliquos sub eorum cura erudiendos posuit. Sicque factum est, ut scolam inibi parvo tempore statuerent duodecim aut eo amplius puerorum.”

nesse processo, movidos por um desejo interior que parte do próprio “amor divino”, e isso não é observado apenas do trecho supracitado, mas também em outros momentos da hagiografia, especialmente nos trechos em que são narrados os feitos dos suecos Herigar e Frideburg. A pedagogia é novamente ressaltada, com a fundação da escola (*scola*, na grafia do original) para os meninos “comprados”, ou seja, provavelmente escravos (cristãos ou não) adquiridos e em seguida libertos, com a finalidade da educação religiosa.¹⁰

No capítulo 19 da *Vita Anskarii*, Herigar torna-se um personagem central. Ele era o *praefectus* de Birka, na Suécia, e foi convertido por Ansgar em sua primeira viagem a essa região. Aqui, Rimbert narra alguns dos feitos de Herigar enquanto não havia nenhum padre ou missão na Suécia, caracterizando o *praefectus* como uma espécie de pilar autóctone da cristandade. Nesse momento, Rimbert está interessado em colocar os deuses pagãos e o Deus cristão em comparação direta. Esses opostos totais são colocados em confronto de maneira literal, com um ordálio, para atestar o poder cristão. É narrado um episódio em que Herigar se reúne com outros chefes escandinavos em uma assembleia (*placito*), e nela eles o questionam por ter aceitado uma “fé vazia” (*inani fide*) e assim ter se afastado de todos os outros habitantes pagãos.

Herigar se defende e diz que, se os pagãos têm tanta dúvida sobre o poder do Deus cristão, “provemos pelos milagres quem é de maior poder: os muitos que vocês chamam de deuses, ou meu único onipotente Senhor Jesus Cristo” (RIMBERT, 1884, p. 40).¹¹ Com isso, uma tempestade se aproxima. Herigar sugere que os pagãos peçam aos seus deuses para que eles os protejam da chuva, enquanto Herigar pediria o mesmo à Jesus Cristo. Chove a chuva. Todos os chefes pagãos ficam ensopados, e Herigar não é atingido por uma única gota de chuva: “Eis’, disse Herigar, vocês veem quem é Deus. Não me afastem, infelizes, de Seu culto, mas antes envergonhem-se e afastem-se de

¹⁰ Há diversos momentos na *Vita Anskarii* em que escravos, inclusive cristãos, vivendo na Dinamarca, são comprados (inclusive pelo próprio Ansgar) para serem libertos e educados. Cf. capítulos 11, 14 e 38, por exemplo. Rimbert traz os escravizados à narrativa em dois sentidos principais: primeiro, mostrar que há escravos cristãos vivendo além das fronteiras da cristandade continental, que precisam ser reintegrados à *ecclesia*. Segundo, na tradição da segunda metade do século IX compartilhada, entre outros, com Cathwulf, para advogar contra a escravidão e a venda de escravizados aos pagãos.

¹¹ No original: “probemus miraculis, quis sit maioris potentiae, vestri multi quos dicitis dii, an meus solus omnipotens dominus Iesus Christus.”

seus erros, e aprendam o caminho da verdade” (RIMBERT, 1884, p. 40-41).¹²

Em outro momento da narrativa, Herigar é acometido por uma dor em sua perna, e ele não consegue se mexer sem ser carregado. As pessoas dizem que ele deveria fazer um sacrifício aos deuses para melhorar, mas Herigar resiste. Outros ainda dizem que ele estava sofrendo por não acreditar em deus algum, mas Herigar desconsidera tais acusações. Finalmente Herigar pede para que o levem para a igreja que ele mesmo havia construído. Lá, ele pede a Deus para ser curado e é atendido. Notemos que a relação entre Deus e o fiel não é necessariamente intermediada por um padre ou bispo, mas pela autonomia da fé do convertido, propiciada pelo prédio mesmo da *ecclesia* em sua terra.

Embora nenhum desses milagres sejam operados pelo santo Ansgar, todos têm relação com seus feitos anteriores; é o passado frutificando no futuro, uma metáfora muito recorrente na *vita*. Isso significa que Rimbert não buscava construir uma imagem de santo milagroso em si, mas queria demonstrar que os frutos do trabalho missionário além das fronteiras da cristandade preparavam o terreno, por assim dizer, para que os milagres divinos — e a própria cristandade — florescessem. Herigar só pode confrontar os chefes pagãos em defesa do Deus cristão porque, antes de tudo isso, Ansgar e Witmar, outro missionário, foram àquelas terras e lá converteram o *praefectus*. Herigar só consegue curar sua perna porque ele vai rezar e suplicar dentro da igreja que havia sido construída graças a presença de Ansgar e Witmar no passado. Com isso, Rimbert cristaliza a ideia de uma cristianização gradual e constante.

A partir dessas análises, é possível delinear dois pilares que sustentam o que Rimbert entende por cristianização: a fé amparada pelos missionários e a fé autônoma, ambas entrelaçadas. Como visto, portanto, o batismo não era o único sacramento fundamental para a realização da prática da conversão. É necessária uma constância, uma longevidade *da* e *na* religião. Mas como Rimbert significa essa constância no documento, em seu discurso? No capítulo 12 da *Vita Anskarii*, temos a volta de Ansgar e Witmar para a corte de Luís, o Piedoso, depois que os dois monges pregaram na Suécia em 830. Novamente o Imperador carolíngio é quem expressa uma necessidade institucional,

¹² No original: “‘Ecce’, inquit, ‘videtis, quis sit Deus. Nolite me, infelices, ab eius cultura revocare, quin potius ab erroribus vestris confundimini et veritatis viam discite.’”

conferindo ainda mais peso ao discurso. Rimbart narra que:

Inflamado pelo ardor da fé, [o Imperador] começou a buscar como poderia estabelecer uma sede episcopal nas regiões do Norte, no fim, de fato, do seu Império, de onde fosse conveniente para o bispo, ali residindo, poder frequentar com mais frequência aquelas regiões em missão de pregação, e de onde também todas aquelas terras bárbaras pudessem, mais facilmente e de modo mais verdadeiro, receber os sacramentos do mistério divino. (RIMBERT, 1884, p. 33).¹³

Neste trecho, a atenção do hagiógrafo é direcionada aos “sacramentos do mistério divino” (*divini mysterii sacramenta*), ou seja, a eucaristia. Na fonte, Luís, o Piedoso, estava preocupado em estabelecer um bispado no limiar do Império e fornecer esses sacramentos aos novos convertidos. Portanto, a eucaristia faz-se tão necessária quanto o batismo. Na percepção de Rimbart, traduzida na preocupação da fala do Imperador, havia a necessidade de outros sacramentos, no plural, e entende-se que a eucaristia fosse o mais importante nesse contexto, visto que não representa apenas o início da vida cristã (como o batismo), mas sua constante manutenção quando tomada periodicamente nas missas. Isso concorda na direção de que, para Rimbart, a cristianização é um processo gradual e, embora haja exceções autônomas, faz-se necessária a manutenção da fé através dos sacramentos e da presença da igreja.

No capítulo 20 da *Vita Anskarii*, há uma personagem sintetiza as duas noções expostas acima. Essa personagem chama-se Frideburg, uma mulher cuja “bondade de sua e constância de sua louvável fé conduziu os dias de sua vida até a velhice” (RIMBERT, 1884, p. 44).¹⁴ Em primeiro lugar, Rimbart destaca a “constância” de sua fé, que endossa o que já foi exposto. Até que chega o momento em que, já velha, Frideburg vê a morte se aproximando e, como o bispo Gauzbert havia sido expulso da região, além de não haver outros padres (*sacerdos*) por perto, ela teme que não receba o viático — a eucaristia ofertada ao fiel em seu leito de morte. Para tanto, ela recorre a um jarro de vinho que havia arranjado e guardado, que serviria de viático, e pede que sua filha despeje

¹³ No original: “ardore fidei succensus, quaerere coepit, quomodo in partibus aquilonis, in fine videlicet imperii sui, sedem constituere posset episcoplaem, unde congruum esset episcopo ibi consistenti causa praedicationis illas frequentius adire partes, et unde etiam omnes illae barbarae nationes facilius ueriusque capere valerent divini mysterii sacramenta.”

¹⁴ No original: “in bonitate vitae et fidei constantia laudabilis, dies vitae suae usque ad tempus perduxit senectutis.”

algumas gotas em sua boca, para assim “entregar o fim de sua vida à graça do Senhor” (RIMBERT, 1884, p. 44).¹⁵ Apesar da tensão construída na narrativa e do viático improvisado pela personagem, Frideburg abaca sobrevivendo. Passam-se três anos e, quando Frideburg morre, sua alma é salva por um padre chamado Ardgar (enviado à Suécia por Ansgar). Assim, ela morre: “e, tendo recebido das mãos dele [de Ardgar] o desejado viático, partiu felizmente para o Senhor” (RIMBERT, 1884, p. 45).¹⁶ Pode-se interpretar, em síntese, que nem o batismo e nem mesmo a eucaristia constante são “suficientes”. Para Rimbert, é também necessário o viático que assegura a partida da alma, na morte. Assim, a constância defendida por Rimbert compreende o curso inteiro de uma vida.

Frideburg, que era rica, também orientou que sua filha Catla distribuísse todos os seus bens aos pobres depois de sua morte, e que poupasse algum dinheiro que a permitisse viajar para Dorestad (empório medieval franco na região atual da província de Utrecht, Países Baixos), onde havia “muitas igrejas, padres e clérigos, e uma multidão de pessoas pobres” (RIMBERT, 1884, p. 45),¹⁷ e assim a mãe a orienta: “ao chegar lá, procure fiéis que ensinem corretamente como distribuir essas coisas, e, para a salvação da minha alma, distribua tudo como esmolas” (RIMBERT, 1884, p. 45).¹⁸ Catla segue as instruções da mãe e depois vivencia um milagre que comprova, no texto, a salvação da alma de Frideburg. Com esse episódio, Rimbert reforça a importância da pedagogia, do ensinamento e do aprendizado no processo de cristianização. Frideburg tanto ensina a fé cristã a sua filha (contexto familiar), quanto orienta a própria Catla a buscar esses ensinamentos de padres em Dorestad (contexto público).

Por fim, sustentado pelo evangelho de Mateus, Rimbert também compreende a vida missionária como um dever intrínseco ao eclesiástico medieval, do qual, na fonte, Ansgar é o grande exemplo. Ao longo da *Vita Anskarii*, há um argumento em defesa da internacionalização do cristianismo, afinal, a salvação deveria alcançar todas as almas do mundo. Até aquelas do fim do mundo. No capítulo 9, Rimbert narra que embaixadores da Suécia informaram

¹⁵ No original: “ut vel sic Domini gratiae exitum suum commendaret.”

¹⁶ No original: “et accepto de manu eius optato viatico, feliciter migravit ad Dominum.”

¹⁷ No original: “Ibi sunt ecclesiae plurimae et sacerdotes ac clerici, ibi indigentium multitudo.”

¹⁸ No original: “Illó adveniens, quaere qui rite doceant, fideles, quomodo ea dispenses, et pro animae meae remedio omnia in elemosinam distribue.”

Luís, o Piedoso, de que havia muitas pessoas naquele lugar que desejavam tornar-se cristãs. Isso motivou a primeira viagem de Ansgar para a Suécia em 830. Entretanto, antes, Ansgar sentia-se apreensivo em relação à empreitada. Então é narrada uma visão, na qual Deus diz a ele: “Ide e prega a palavra de Deus aos povos” (RIMBERT, 1884, p. 31),¹⁹ o que leva Ansgar a alegrar-se imensamente por ver que “o que lhe havia sido ordenado estava parcialmente cumprido [tendo em vista a missão na Dinamarca]” (RIMBERT, 1884, p. 31), e com isso Ansgar decide “aumentar ainda mais o peso de seu trabalho, [e] também anunciar a palavra de Deus aos suecos” (RIMBERT, 1884, p. 31).²⁰

No *Evangelho* de Mateus (capítulo 28, versículo 19), lê-se: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Nessa visão, a passagem do evangelho é trazida quase que *ipsis litteris* na forma da fala de Deus à Ansgar, que faz com que ele acate a missão designada pelo Imperador Luís, o Piedoso. Essa noção de internacionalização da salvação é o que fundamenta não apenas a missão de Ansgar, mas todas as missões no Norte que Rimbert busca incitar com a escritura da *Vita Anskarii*. Ela é reiterada em outros momentos da hagiografia, como quando Ansgar volta da Suécia e é nomeado bispo de Hamburgo em 831. No capítulo 13 é contada a consagração do bispo Ansgar pelo Papa Gregório IV, em que Rimbert narra: “[o Papa] estabeleceu sua missão [*legatio*] sobre todas os povos ao redor, seja os suecos, os daneses, os eslavos e outros povos estabelecidos nas partes do Norte” (RIMBERT, 1884, p. 35).²¹ Além disso, Rimbert afirma, através do pensamento de Ansgar, que a ordem de Deus estava “parcialmente cumprida”. Assim, a missão continua em aberto, e todos aqueles que seguirem os passos de Ansgar devem, também, seguir a *legatio* que o Papa Gregório IV incumbiu ao bispo de Hamburgo.

¹⁹ No original: “Vade et annuntia gentibus verbum Dei.” Optei por traduzir “gentibus”, dativo plural de “gens”, como “aos povos”, embora na passagem bíblica parafraseada seja comumente traduzido, especialmente na contemporaneidade, como “nações”. E embora a palavra “nationes” exista no latim e apareça na hagiografia, traduzi-a como “terras”, evitando assim o cognato “nações” simplesmente para prevenir confusões com a noção moderna de “Estados nacionais”, que seria anacrônica.

²⁰ No original: “Hanc itaque visionem servis Dei pertractans animo, laetus gaudebat in Domino, videns iam ex parte completum quod sibi imperatum fuerat, et ad maiorem laboris sui cumulum eitam Sueonibus verbum Dei annunciare cupiens.”

²¹ No original: “constitutum legatum in omnibus circumquaque gentibus Sueonum sive Danorum necnon etiam Slavorum aliarumque in aquilonis partibus gentium.”

2. PAGÃOS E PAGANISMO

O estudo do paganismo escandinavo medieval tem oferecido uma série de problemas teóricos e metodológicos que, ao longo do século XX, tentaram ser superados por diversas abordagens.²² Neste estudo específico interessa entender o paganismo enquanto um construto de autores cristãos, um juízo de valor; nessas fontes o pagão trata-se “de um ‘outro’ religioso, mas sem especificidade” (BARREIRO, 2016, p. 108). Essa delimitação pode ao menos assegurar que o historiador não caia no risco de tomar o paganismo das fontes escritas por autores cristãos como um retrato fiel das religiões “pagãs” do passado escandinavo. Elas estão, invariavelmente, submetidas à mentalidade e aos objetivos do autor cristão medieval que as ressignificou.

A prática sacrificial é um dos pontos-chave na concepção de Rimbert acerca do paganismo; é a baliza entre as relações religiosas e sociais que estruturam a concepção do hagiógrafo dessa religião “outra”. De acordo com o que lemos na *Vita Anskarii*, podemos concluir que o sacrifício é muitas vezes significado por Rimbert como uma “tentação” aos cristãos recém-convertidos. Essa tendência do paganismo apresentado por autores cristãos como tentação foi observada por Ildar Garipzanov: “o paganismo não existe apenas como um alvo passivo da atividade missionária, mas também para testar e fortalecer a fé dos cristãos” (GARIPZANOV, 2011, p. 15). Resistir ao sacrifício faz parte das provações que Herigar e Frideburg enfrentam, por exemplo.

No capítulo 19, Rimbert narra que Anund, um rei sueco, havia perdido seus domínios e se exilado na Dinamarca. Lá, reúne guerreiros para tomar o que era dele e, em pagamento pelos seus, oferece a cidade de Birka. O *praefectus* Herigar, os mercadores e o povo fogem para uma “cidade vizinha” de Birka, que Georg Waitz notou ser Sigtuna. Lá, o povo pretende fazer sacrifícios e

²² Esses problemas foram comentados por BARREIRO, Santiago. Pagãos fictícios, feiticeiros imaginários, alteridades literárias: As sagas islandesas como fonte historiográfica e sua representação do mundo pré-cristão. *Diálogos*, v. 20, n. 3, p. 97–115, 2016, e GRZYBOWSKI, Lukas. O paganismo escandinavo entre a percepção e a imaginação. *História Revista*, v. 24, p. 135-154, 2019.

promessas para que seus deuses pagãos os protejam contra os invasores. Então Herigar os repreende e pede que o povo deixe o sacrifício de lado e façam apenas promessas para o Deus cristão:

Se desejais fazer votos, fazei-os e entregai-os ao Senhor Deus onipotente, que reina nos céus, e a quem eu sirvo com consciência pura e fé reta. Ele é o Senhor de todos, e em Sua vontade estão todas as coisas, e não há quem possa resistir à Sua autoridade. Se pedirdes a ajuda d'Ele com todo o coração, sentireis que a Sua onipotência não vos faltará. (RIMBERT, 1884, p. 42).²³

No capítulo 20 é narrada uma provação semelhante à de Herigar contra a “tentação” de fazer sacrifícios aos “ídolos”. Nesse caso temos a também já mencionada Frideburg, que manteve a “fé inabalável” (*immobilis fidei*) em meio à “perversidade dos homens maus”, ou seja, seus vizinhos pagãos. O batismo dela é mencionado junto de uma renúncia aos deuses pagãos: “[para Frideburg] era inútil buscar ajuda nas imagens [*simulacra*] mudas e surdas, e achava abominável que voltasse a prestar atenção àqueles [deuses] a quem ela havia renunciado no batismo” (RIMBERT, 1884, p. 44).²⁴ Nesses exemplos, o paganismo instrumentalizado por Rimbart se opõe diretamente ao dom divino cristão, num claro jogo de sobreposição, uma ferramenta do hagiógrafo para demonstrar a superioridade de poder divino cristão e da resistência à tentação, colocadas em embate no plano moral e sobrenatural.

Não obstante, ao longo de toda a hagiografia, Rimbart faz pouca menção aos deuses pagãos. Em dado momento, o culto aos “ídolos” pagãos é identificado como uma superstição (*superstitiosa idolorum cultura*). Rimbart também identifica os “deuses” como demônios: “começaram [o povo] a oferecer aos seus deuses, que eram na verdade demônios, muitas promessas e sacrifícios” (RIMBERT, 1884, p. 42).²⁵ Como sintetizou Santiago Barreiro, “a

²³ No original: “Si vota spondere vultis, vovete et reddite domino Deo onipotente, qui regnat in caelis, et cui ego in conscientia pura et fide recta deservio. Ipse omnium dominus est, et in voluntate eius omnia sunt posita, nec est qui eius dicioni possit resistere. Si itaque eius auxilium totó corde petieritis, onipotentiam ipsius vobis non defuturam sentietis.”

²⁴ No original: “sed illa immobilis fidei suae munia non reliquit; vanum esse dicens, a simulacris mutis et surdis auxilium quaerere, et abominabile sibi videri, ut his quibus in baptismo renuntiaverat.”

²⁵ No original: “Coeperunt quoque diis suis, immo daemonibus, vota et sacrificia plurima promittere et offerre.”

importância dos pagãos existentes na literatura [cristã] é, acreditamos, tornar clara a oposição, criando assim uma alteridade fundamental, cimentando a identidade dos homens medievais como cristãos” (BARREIRO, 2016, p. 111). Rimbert não está preocupado em detalhar o paganismo nem o descrever com maior afinco, por mais que podemos supor que ele conhecesse essas práticas com certa proximidade (GRZYBOWSKI, 2019, p. 141); do contrário, o hagiógrafo coloca todos os pagãos e todo o paganismo sob o mesmo signo antagônico do Diabo. Semelhante significação acontece no que diz respeito à caracterização dos escandinavos enquanto “bárbaros” e “estrangeiros”. Como David Fraesdorff observou, “Rimbert já sabe diferenciar entre dinamarqueses, suecos e eslavos, mas as generalizações como *barbari*, *exterae gentes*, *alienae nationes* ou até mesmo *aquilo* ocupam maior espaço [na fonte]” (FRAESDORFF, 2005, p. 203).

Nos capítulos 26 e 27 da hagiografia, Rimbert narra a segunda visita de Ansgar à Birka. Lá, “encontrou o rei e muitas pessoas desorientadas por mentiras” (RIMBERT, 1884, p. 56).²⁶ Sabendo da vinda de Ansgar, um homem, “instigado pelo diabo” (*instigante enim diabolo*) fez um discurso contra o bispo. Esse homem, que parece ser um chefe ou grande proprietário de terras, se mostra desgostoso com as pessoas que se recusam a fazer os sacrifícios habituais, pois convertidas. Segundo Rimbert, esse discurso perturba a mente de todas as pessoas presentes, que começam fazer sacrifícios e oferendas a um rei do passado (Erik), como se ele fosse um deus. Ansgar então resolve falar com o rei local sobre esse problema. O rei ouve o pedido de Ansgar e diz que, numa próxima assembleia, iria decidir se permitia ou não a pregação. Pois “é costume entre eles que qualquer assunto público dependa mais da vontade unânime do povo do que do poder real” (RIMBERT, 1884, p. 57).²⁷ Trata-se de um excelente exemplo da limitação do poder político, que foi observada por Peter Sawyer (1982, p. 54). Essa limitação sugere uma fragmentação não apenas do poder entre os chefes ao longo do território escandinavo, mas também do poder de um único chefe, submetido a outras instâncias como a vontade popular e a vontade dos deuses. Tanto é que a permissão do prosseguimento da missão em

²⁶ No original: “Ubi invenit regem et multitudinem populi nimio errore confusam.”

²⁷ No original: “Sic quippe apud eos moris est, ut quodcumque negotium publicum magis in populi unanimi voluntate quam in regia constet potestate.”

Birka vem de um ritual de cleromancia, ou seja, ironicamente a partir de uma adivinhação condicionada pelos deuses pagãos. No capítulo 27, Rimbert narra: “Saindo então para o campo, conforme o costume deles, lançaram as sortes; e o resultado foi que, pela vontade de Deus, a religião cristã seria ali estabelecida” (RIMBERT, 1884, p. 58).²⁸ Aqui, o próprio “costume” pagão da divinação (lançar as sortes) é instrumentalizado pelo hagiógrafo e condicionado ao poder divino cristão em favor do cristianismo nos territórios-alvo das missões.

3. A VITA ANSKARII E O SÉCULO IX

É certo que a escritura da *vita* de Ansgar tem um objetivo na concepção do hagiógrafo: fornecer um santo que não apenas esteja à frente da cristianização da Escandinávia, mas que também ofereça um modelo para os seus seguidores. Valtair Miranda sintetizou o caráter geral do modelo hagiográfico como uma forma de exercício de poder “que define limites identitários, esclarece alteridade, reforça práticas e crenças religiosas, gera papéis sociais, legitima governos, socializa visões de mundo” (MIRANDA, 2014, p. 120). Foi possível constatar, ao longo das análises desta pesquisa, que a *Vita Anskarii* atende a todos esses pressupostos: define as fronteiras entre “nós” e “os outros”, ou seja, entre os cristãos e os bárbaros; reforça as crenças religiosas cristãs e o papel central da pedagogia missionária nessa expansão, oferece modelo e propulsiona a atividade dos monges evangelizadores, legitima a tutela política do imperador Luís, o Piedoso, e da arquidiocese de Hamburgo-Bremen, e, por fim, cristaliza — e socializa, em sua recepção — a visão de mundo de Rimbert. Além disso, Ansgar não é o único modelo missionário apresentado na hagiografia. Na *Vita*, temos capítulos inteiros que sequer mencionam Ansgar (vide 33), mas outros exemplos de dedicação missionária, como os de Gauzbert e os de Ragenbert, que ajudam a compor o ideário de manutenção da igreja em terras estrangeiras para que a religião cristã não pereça.

No primeiro capítulo da hagiografia, Rimbert expõe as duas principais

²⁸ No original: “Exeuntes igitur more ipsorum in campum, miserunt stores; ceciditque sors, quod dei voluntate christiana religio ibi fundaretur.”

motivações para a escritura daquele texto: primeiro, existe um esforço consciente de manutenção da memória contra o esquecimento, ou contra o próprio Diabo (RIMBERT, 1884, p. 18-19). Através de uma imagem de opostos, Rimbert reitera que o mal que há em todo o mundo e a ação do Diabo tentam afastar os seguidores da devoção e do exemplo. Tendo isso como pressuposto, ele argumenta que, através de “astuta persuasão” (*callida persuasione*) e “intenções perversas” (*pravis intentionibus*), o Diabo pode afastar os discípulos da memória do exemplo de santo Ansgar. Nesse sentido, o objetivo primário de Rimbert é duplo: preservar a memória de Ansgar, que se justifica pela ausência deste — cujo texto dá a entender que falecera há pouquíssimo tempo —, resguardando-a das garras do Diabo, que poderia afastar o “exemplo” dos que permanecem vivos, e construir um modelo missionário a ser seguido. Além disso, quando ressalta a mentira intrínseca ao demônio, motivo central desde as *Escrituras* (ver por exemplo João 8:44), Rimbert está abertamente defendendo o caráter de verdade de seu documento. Esse esforço consciente de Rimbert contra o esquecimento condiz com as considerações teóricas de Grzybowski e Hermann, e com as considerações de Goetz a respeito da consciência histórica do homem medieval; mais especificamente, de um interesse específico pela história, “um fator prático enraizado no presente do autor” (GOETZ, 2006, p. 26). O presente de Rimbert é definidor na hagiografia de Ansgar porque o hagiógrafo não está apenas preocupado em narrar o passado ou apenas santificar Ansgar; ele precisa fundamentar as bases do futuro das missões de Hamburgo-Bremen.

Além disso, Rimbert não se concentra apenas nos eventos, nos marcos históricos, seus sucessos e falhas — tampouco apenas em datas muito precisas, “marcos” —, mas também observa consciente as causas de uma instabilidade política vivida por ele e seus contemporâneos, refletidas na própria missão: a divisão do Império. Assim, o capítulo 21 da *Vita Anskarii* começa com a morte de Luís, o Piedoso em 840: “após a morte dele, quando uma grande perturbação ocorreu por causa da divisão do reino, a missão do nosso pastor também começou, de alguma maneira, a ser abalada” (RIMBERT, 1884, p. 46).²⁹ Isso mostra que Rimbert era tanto consciente do processo histórico em que estava

²⁹ No original: “Post cuius obitum cum de regni divisione magna fieret perturbatio, pastoris quoque nostri aliquo modo labefactari coepit legatio.”

envolvido quanto preocupado em registrá-lo e identificá-lo como uma das causas para o enfraquecimento da missão cristianizadora no século IX.

É evidente que a divisão do Império causou reveses no trabalho missionário, e o fato de Rimbert endereçar a *Vita Anskarii* para os monges de Corbie nos fins do século IX mostra claramente a persistência desse problema. No capítulo 23 da hagiografia é narrado que Ansgar se torna bispo de Bremen e, já sendo bispo de Hamburgo, ocorre a coligação dos dois bispados. Nesse momento, Rimbert sublinha a disputa entre Carlos, o Calvo, e seu irmão Luís, o Germânico, numa assembleia ocorrida entre os irmãos para discutir sobre as dioceses na região da fronteira.³⁰ Rimbert louva a atitude de Luís que, além de congregar Hamburgo e Bremen, assegura que: “nenhum arcebispo de Colônia [na parte de Carlos, o Calvo], de agora em diante, reivindique para si qualquer poder na mesma diocese [Bremen]” (RIMBERT, 1884, p. 51).³¹

Aqui nota-se o efeito prático da apologia de Rimbert. Em primeiro lugar, havia uma tensão entre Carlos, o Calvo, e seu irmão Luís, o Germânico, envolvendo a diocese de Bremen, que antes respondia à Colônia e, depois que Ansgar é nomeado arcebispo, passa a responder à diocese Hamburgo. O endereçamento da *Vita Anskarii* aos monges de Corbie está ligado ao conflito de Bremen frente aos interesses de Hamburgo e Colônia: de modo direto, Rimbert quer assegurar que a influência de Ansgar, bem como a legitimação de Hamburgo-Bremen e suas missões, se estenda e cativa os religiosos de Corbie, um dos mosteiros francos mais importantes desse período, que seria um grande aliado não apenas no contexto das missões cristianizadoras, mas também no contexto de conflito de Bremen frente às decisões que tiravam-na da tutela da diocese de Colônia. O Império sofre grande instabilidade nesse período, cujos atritos, como sabemos, não são resolvidos após o Tratado de Verdun em 843.

Dado este cenário, como mensurar os êxitos de Ansgar na percepção de Rimbert? Pouco antes de narrar a morte de Ansgar no capítulo 34, Rimbert mostra uma conversa do bispo com Ebbo, arcebispo de Rheims, na qual os

³⁰ Para mais detalhes sobre o contexto envolvendo a divisão do Império entre os filhos de Luís, o Piedoso, ver WICKHAM, Chris. **Medieval Europe**. New Haven: Yale University Press, 2016, p. 63-79.

³¹ No original: “Nullus vero archiepiscopus Coloniensis ullam sibi deinceps in eadem diocesi vindicet potestatem.”

religiosos discutem sobre a missão e seus resultados. Ansgar, próximo da morte, exprime sua preocupação em relação às dificuldades enfrentadas pelos missionários em terras pagãs. Assim, pergunta o que Ebbo pensava da missão, e este responde:

Esteja certo de que aquilo que começamos a realizar em nome de Cristo *deve frutificar no Senhor*. Pois tal é minha fé [...], *aquilo que começamos naquelas terras nunca será completamente extinto, mas frutificará na graça de Deus e prosperará, até que o nome do Senhor alcance os confins da Terra*. (RIMBERT, 1884, p. 65, ênfases minhas).³²

E Rimbert complementa: “essa também era a fé dos outros, que, com essa vontade, buscaram os limites [das terras estrangeiras]”; os missionários seriam, para Rimbert, certamente recompensados: “em seu amor por esta religião, eles se empenharam em nome do Senhor, de quem, sem dúvida, receberão a recompensa pelo seu trabalho” (RIMBERT, 1884, p. 65).³³ Esse trecho sintetiza a concepção de Rimbert sobre o êxito de Ansgar, cujo trabalho nunca seria “completamente extinto”. Para ele, a semente fora plantada profundamente. Os casos narrados de cristãos que, mesmo entre pagãos, continuaram em defesa de sua fé — como vimos com Herigar e Frideburg — são exemplos fundamentais de que, para Rimbert, essa semente florescia. Não obstante, a necessidade de que a missão continuasse e novos missionários fossem enviados se justifica na intenção geral do hagiógrafo em construir um modelo missionário digno de imitação para os eclesiásticos de Corbie.

Esse êxito parcial, que precisa ser alimentado e completado no futuro, é a solução que Rimbert encontra para o “problema do século IX”, ou seja, a fragmentação política tanto franca quanto escandinava. Esse desejo pela continuidade, ou melhor, a ênfase na necessidade de uma continuação, é expresso por Ansgar ao próprio monarca, Luís, o Germânico, a quem Ansgar enviou cartas (segundo a hagiografia) pedindo que, conforme as circunstâncias

³² No original: “‘Certus sis’, inquit, ‘quia, quod nos pro Christi nomine elaborare coepimus, fructificare habet in Domino. Nam ita est fides mea [...] quia, quod nos in illis coepimus gentibus, non tamen umquam penitus extinguetur, sed fructificabit in Dei gratia et prosperabitur, usquequo perveniat nomen Domini ad fines orbis terrae’.”

³³ No original: “Haec itaque fides fuit eorum, hac voluntate externarum gentium fines petierunt, huius religionis amore pro Domino certaverunt, a quo et praemium laboris sui sine dubio percepturi sunt.”

exigissem, estivessem prontos para ajudar, “a fim de que a missão, com a graça auxiliadora de Deus, e com a ajuda deles [dos reis], pudesse frutificar e crescer entre os povos [estrangeiros]” (RIMBERT, 1884, p. 75).³⁴

No século IX, a Igreja enfrentou o problema da instabilidade das missões, atrelado ao problema do poder político fragmentado no continente, como vimos, e também na Escandinávia (BAGGE, 2014). As inconsistências na cristianização do século IX têm uma razão social e política, junto da razão religiosa. O processo de cristianização passou por momentos de maior estabilidade conectados com a conversão dos reis — entendidos aqui não como irradiadores de uma nova religião, mas como detentores de um modelo político que auxiliasse no processo de cristianização como um todo. Isso implica uma mudança total na forma do fazer político na Escandinávia, ou seja, é só por volta dos finais do século X e início do século XI que o cristianismo tenta superar a barreira do poder político fragmentado dos chefes e tentar cravar certa unificação de poder, a monarquia cristã,³⁵ especialmente no caso da Dinamarca e da Noruega.

Nessa época, por exemplo, homens como Óláfr Tryggvason ou Óláfr Haraldsson importam o cristianismo sob a égide de “um novo modelo de exercício do poder que pretende limitar o poder dos chefes locais” (BALAU; KMIECIK, 2021, p. 634). Sverre Bagge apontou também outra mudança significativa: a instauração de uma sucessão de poder dinástica, que acarreta maior estabilidade monárquica, ocorrida na Dinamarca a partir do século X, que “marca o início de uma importante mudança, a divisão da Escandinávia em três reinos e sua introdução ao cristianismo, o que os trouxe para a família dos reinos europeus” (BAGGE, 2014, p. 27). Ansgar e sua missão enfrentam diversos problemas causados pela violência e pela fragmentação política: ao mesmo tempo em que Ansgar envia Gauzbert para a Suécia, piratas nórdicos saqueiam Hamburgo em 845. Logo depois, Gauzbert é expulso e Nithard, outro padre, é assassinado. Entremeios, Herigar defendia a fé cristã no seio da Suécia pagã, enquanto a guerra entre o rei Olaf e os Cori causa a cristianização destes, entre

³⁴ No original: “quantinus legatio ipsa, Dei auxiliante gratia, ipsis adiuvantibus, fructificare et crescere in gentibus potuisset.”

³⁵ Ver especialmente BEREND, Nora (ed.). **Christianization and the Rise of Christian Monarchy: Scandinavia, Central Europe and Rus' c. 900-1200**. New York: Cambridge University Press, 2007.

outros exemplos. No geral, dada a fragmentação política, a cristianização no século IX também se dá em cenários fragmentados como pequenas cidades ou empórios, através de indivíduos específicos. É nítido que Rimbert estava submetido às incertezas de seu tempo, em que não poderia prever que uma solidificação da igreja na Escandinávia demandaria, junto da feitura missionária, uma unidade política cristã. Muito menos saberia que isso levaria séculos. Tudo que o hagiógrafo podia fazer era defender um cristianismo constante e o prosseguimento da missão, além de intervenções políticas contra as ameaças que atrapalhavam o contato com o Norte, como as guerras, invasões e pirataria.

Não é à toa que o tipo social leigo mais exaltado por Rimbert durante toda a hagiografia são os mercadores. Esses comerciantes, bem como o comércio enquanto sistema, são significados pelo autor como uma ponte entre o continente cristão e o Norte pagão. Isso é representado de diversas maneiras ao longo da *Vita Anskarii*. Em primeiro lugar, quando Ansgar e Witmar vão à Suécia pela primeira vez, sua viagem só é possível graças ao navio mercante que os leva. No capítulo 30, após a guerra com os Cori, são mercadores suecos quem aconselham os pagãos a buscarem conforto no Deus cristão. Depois de se tornar bispo de Bremen, Ansgar estreita as relações com o rei Horik da Dinamarca, e essas relações rendem frutos na cristianização; a cristianização, por sua vez, rende uma série de benefícios comerciais. Rimbert narra que houve "grande alegria no lugar [Schleswig], de tal forma que [...] os comerciantes, tanto daqui quanto de Dorestad, buscavam livremente [visitar] o local [Schleswig], e as boas possibilidades ali abundavam" (RIMBERT, 1884, p. 53).³⁶ Edward Thompson (1957, p. 6) demonstrou a relação estreita da cristianização da Escandinávia com o comércio. Outros historiadores, mais recentemente, argumentam na mesma direção: "essas narrativas claramente mostram a conexão próxima entre a missão carolíngia e o comércio, bem como as implicações sociais do comércio" (BLOMKVIST; BRINK; LINDKVIST, 2007, p. 177). É notório que o hagiógrafo percebia os êxitos da missão como muito mais amplos que apenas os benefícios religiosos, ou seja, exaltava também os benefícios comerciais e sociais, a integração de diferentes sociedades. Porém nota-se que, para Rimbert, a

³⁶ No original: "Factumque est gaudium magnum in ipso loco [...], et negotiatores tam hinc quam ex Dorstado locum ipsum libere expeterent, et hac occsione facultas totius boni inibi exuberaret."

questão comercial é sempre fruto da expansão do cristianismo, e não o contrário.

Defendo aqui, portanto, que o caráter essencialmente prático e telúrico das ações de Ansgar³⁷ seja um reflexo das incertezas e das demandas imediatas dos eclesiásticos de Hamburgo e Bremen, bem como de outras abadias ligadas à cristianização no século IX. Precisavam de um herói, de um “Apóstolo do Norte”, e Rimbert lhes deu o santo Ansgar. As incompletudes do esforço de Ansgar resumem a gênese conturbada da missão e, de certa forma, reiteram que outros devessem seguir os passos do santo. Ao mesmo tempo, reflete um tempo em que o Império franco, dividido, sentia dificuldades em penetrar num Norte escandinavo também fragmentado, política e religiosamente. Essa configuração tão desigual e instável é a principal causa de uma cristianização lentíssima, já que foi assimilada aos poucos, dependeu do esforço de indivíduos muitas vezes isolados, e sofreu com resistências e reveses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As construções e percepções de Rimbert a respeito do processo de cristianização na *Vita Anskarii* convergem na direção da manutenção de um corpo eclesiástico ativo na questão missionária, uma necessidade intrínseca às instabilidades do século IX. Em termos gerais, a apologia do hagiógrafo gira em torno de fundamentar as bases da conversão de almas e da institucionalização da igreja católica na Escandinávia medieval, além de funcionar como legitimadora das ações da arquidiocese de Hamburgo-Bremen. É importante notar um certo imediatismo na escritura da hagiografia de Ansgar por Rimbert. Como notou Eric Knibbs (2011, p. 194), essa pressa reside na necessidade de cravar Ansgar como o apóstolo do Norte, um bispo missionário que encabeçasse a missão vindoura dos próximos séculos. É nesse sentido que o hagiógrafo demonstra uma espécie de êxito parcial do santo Ansgar. Êxito porque, segundo o próprio arcebispo Ebbo de Rheims, na hagiografia, os esforços de Ansgar seriam imorredouros. E parcial porque, mesmo imorredouros, esses esforços

³⁷ Diversos autores identificam a *Vita Anskarii* como uma hagiografia estruturalmente incomum, mais “institucional”, e seu santo como “mais humano”, “mais terreno”, etc. Ver Palmer (2004).

precisavam ser continuados por outros missionários.

A cristianização foi lenta, inconstante e fragmentária. Desde os primeiros esforços conversores no início do século IX à fase institucional com a conversão dos reis escandinavos no século XI, a presença de não-conversos foi sempre registrada, o que justifica, no discurso de Rimbart, os argumentos narrativos da *Vita Anskarii* em seu contexto. À guisa de exemplo, tomemos o relato do diplomata árabe Ibrahim ibn Yaquub, que visitou Hedeby, na Dinamarca, no século X — portanto pouco tempo depois dos esforços de Ansgar e seus companheiros —, e relatou que ela era “habitada tanto por pagãos quanto por cristãos” (WINROTH, 2012, p. 89). Mesmo depois do início da conversão dos reis, também persiste no material hagiográfico a necessidade de exaltar a ação missionária, neste caso vinda dos próprios reis, como na hagiografia de Olaf Haraldsson da Noruega, escrita no século XII, que imagina os feitos do santo na transição do século X para o XI, narrando que o rei, após convertido, desce dos seus estrados para pregar ao povo (ERLENDSSON, 1881, p. 68-59). É perceptível, portanto, que esse motivo narrativo é recorrente não apenas nos primeiros séculos da conversão, mas também nos séculos posteriores.

Tendo essa configuração da cristianização definida, tal como entendida por Rimbart em seu contexto histórico, percebe-se enfim que o documento exalta quase sistematicamente, por motivos narrativos e objetivos diversos, em temporalidades e contextos diferentes, a ação missionária e a vivência cristã fundamentalmente atreladas ao ensinamento e à comunidade. No caso da *Vita Anskarii*, o esforço de Ansgar reitera a necessidade da longevidade missionária, especialmente aquela empreendida por Hamburgo e Bremen (e depois, em expectativa, por Corbie). Assim, na concepção de Rimbart, a cristianização mediada pelo trabalho missionário é exaltada pelo pioneirismo do passado, pelas necessidades do presente e pelos frutos vindouros em um futuro almejado.

REFERÊNCIAS

BAGGE, Sverre. **Cross and Scepter: The Rise of the Scandinavian Kingdoms from the Vikings to the Reformation.** Princeton: Princeton University Press, 2014.

BALAU, Guilherme; KMIECIK, Rodrigo. Monarquias cristãs na Escandinávia medieval: as relações de poder na Óláfs saga Tryggvasonar de Oddr Snorrason. **Epígrafe**, v. 10, n. 2, 2021, p. 624–647.

BARREIRO, Santiago. Pagãos fictícios, feiticeiros imaginários, alteridades literárias: As sagas islandesas como fonte historiográfica e sua representação do mundo pré-cristão. **Diálogos**, v. 20, n. 3, 2016, p. 97–115.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. **Evangelho de Mateus**. Tradução de Theodoro Henrique Maurer Jr. São Paulo: Paulus, 7ª reimpressão, 2011.

BLOMKVIST, Nils; BRINK, Stefan; LINDKVIST, Thomas. The kingdom of Sweden. In: BEREND, Nora (ed.). **Christianization and the Rise of Christian Monarchy: Scandinavia, Central Europe and Rus' c. 900–1200**. New York: Cambridge University Press, 2007. p. 167–213.

ERLENDSSON, Eysteinn. Passio et Miracula beati Olavi. In: METCALFE, F. (ed.). **Passio et Miracula beati Olavi**: edited from a twelfth-century manuscript in the library of Corpus Christi College, Oxford, with an Introduction and notes by F. Metcalfe. Oxford: Clarendon Press, 1881, p. 67–116.

FRAESDORFF, David. **Der Barbarische Norden**: Vorstellungen und Fremdkategorien bei Rimbart, Thietmar von Merseburg, Adam von Bremen und Helmold von Bosau. Berlin: Akademie Verlag, 2005.

GARIPZANOV, Ildar. Christianity and Paganism in Adam of Bremen's Narrative. In: GARIPZANOV, Ildar (ed.). **Historical narratives and Christian identity on a European periphery**: early history writing in Northern, East-Central, and Eastern Europe, c.1070-1200. Turnhout Abingdon: Brepols Publishers, 2011, p. 13–29.

GOETZ, Hans-Werner. Constructing the past. Religious dimensions and historical consciousness in Adam of Bremen's *Gesta Hammaburgensis ecclesie pontificum*. In: MORTENSEN, Lars (Ed.). **The Making of Christian Myths in the Periphery of Latin Christendom**. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, 2006, p. 17–51.

GOETZ, Hans-Werner. Historical Writing, Historical Thinking and Historical Consciousness in the Middle Ages. **Diálogos Mediterrânicos**, n. 2, 2012, p. 110–128.

GOETZ, Hans-Werner. The Concept of Time in the Historiography of the Eleventh and Twelfth Centuries. In: ALTHOFF, Gerd; FRIED, Johannes; GEARY, Patrick (eds.). **Medieval Concepts of the Past**: ritual, memory, historiography. Washington/Cambridge: German Historical Institute; Cambridge University Press, 2002, p. 139–165.

GRZYBOWSKI, Lukas. Fabricating Reality: *Kristni Saga's* Historical Narrative and the Construction of Iceland's Christianization. **Diálogos Mediterrânicos**, 2023, p. 36–57.

GRZYBOWSKI, Lukas. O início da missão cristianizadora da Escandinávia e sua

interpretação nas *Gesta Hammaburgensis* de Adam de Bremen. *Signum*, vol. 17, n. 1, 2016, p. 136–160.

GRZYBOWSKI, Lukas. O paganismo escandinavo entre a percepção e a imaginação. **História Revista**, v. 24, 2019, p. 135–154.

GRZYBOWSKI, Lukas. Uma Terceira Via para o Estudo das Ideias Políticas: a *Vorstellungsgeschichte* como resposta aos problemas colocados pela Cambridge School of the History of Political Thought. **Diálogos Mediterrânicos**, v. 3, 2012, p. 143–159.

HERMANN, Pernille. Concepts of Memory and Approaches to the Past in Medieval Icelandic Literature. **Scandinavian Studies**, Vol. 81, No. 3, 2009, p. 287-308.

KNIBBS, Eric. **Ansgar, Rimbert, and the forged foundations of Hamburg-Bremen**. Farnham, Surrey, England Burlington, VT: Ashgate, 2011.

MIRANDA, Valtair. Martírio e projeção de violência como estratégias religiosas no Apocalipse de João. **Plura: Revista de Estudos de Religião**, v. 5, 2014, p. 115–128.

PALMER, James. **Early Medieval Hagiography**. Leeds: Arc Humanities Press, 2018.

PALMER, James. Rimbert's *Vita Anskarii* and Scandinavian Mission in the Ninth Century. **The Journal of Ecclesiastical History**, v. 55, n. 2, 2004, p. 235–256.

RIMBERT. *Vita Anskarii*. In: WAITZ, Georg (ed.). **Vita Anskarii, auctore Rimberto**. Hannover: Hahn, 1884, p. 13–79.

SAWYER, Peter. **Kings and Vikings: Scandinavia and Europe, A.D. 700-1100**. London/New York: Methuen, 1982.

THOMPSON, Edward. Christianity and the Northern Barbarians. **Nottingham Medieval Studies**, v. 1, 1957, p. 3–21.

WICKHAM, Chris. **Medieval Europe**. New Haven: Yale University Press, 2016.

WINROTH, Anders. **The Conversion of Scandinavia: Vikings, merchants, and missionaries in the remaking of Northern Europe**. New Haven: Yale University Press, 2012.

Recebido em 26-12-2025.

Aprovado para publicação em 27-02-2025.